

RUA GUARANTÁ

Lei nº 2139 de 09-09-1959



- 34 - COLINA, a Rua S.D. sendo a 4.a travessa da Rua Dr. Paulo Florence a partir da Rua Joaquim Vilac.
- 35 - CEDRAL, a Rua S.D. sendo a 3.a travessa da Rua Dr. Paulo Florence a partir da Rua Joaquim Vilac.
- 36 - COTIA, a Rua S.D. sendo a 2.a travessa da Rua Dr. Paulo Florence a partir da Rua Joaquim Vilac.
- 37 - CRUZEIRO, a Rua S.D. sendo a 1.a travessa da Rua Dr. Paulo Florence a partir da Rua Joaquim Vilac.
- 38 - CUNHA, a Rua S.D. compreendida entre os quarteirões 1.369 e 1.953 ligando a 1.a com a 2.a travessa da Rua Dr. Paulo Florence.
- 39 - BOLTUVA, a Rua B da Vila Fortuna que tem início na Rua Joaquim Vilac.
- 40 - BORBOREMA, a Rua A da Vila Fortuna que tem início na Rua D e termina na Rua C da mesma Vila.
- 41 - BRÓTAS, a Rua C da Vila Fortuna que tem início na Rua Joaquim Vilac.
- 42 - BROSOSQUI, a Rua D da Vila Fortuna que tem início na Rua Joaquim Vilac.
- 43 - BOTUCATU, a Rua 1 da Vila Fortuna que tem início na Rua D e termina na Rua B do mesmo loteamento.
- 44 - CABREÚVA, a Rua 1 da Vila Angela que tem início na Rua Cadete João Teixeira.
- 45 - BURI, a Rua 1 da Vila Guilherme que tem início na Rua Elias de Sousa.
- 46 - JAU, a Rua 13 da Vila Dutra que tem início na Rua Ciríacur e termina na Rua Cadete João Teixeira.
- 47 - CAFELÂNDIA, a Rua 7 da Vila Dutra e Vila Teixeira que tem início na Rua Joaquim Vilac e termina na Rua Breno D. Sousa Camargo.
- 48 - CAJOEI, a Rua 3 da Vila Teixeira que tem início na Rua Januário de Oliveira e termina na Rua Cadete João Teixeira.
- 49 - CAJURU, a Rua 6 da Vila Dutra que tem início na Rua Pedro Tórtima e termina na Rua 8 do mesmo arruamento.
- 50 - CACONDE, a Rua 8 da Vila Dutra que tem início na Rua Manuel Jorge de Oliveira Rocha e termina na Rua Pedro Tórtima.
- 51 - CACAPAVA, a via que abrange a Rua 1 da Vila Helena, Rua B da Vila D. Inácia e que tem início na Rua Dr. Antonio Leninos.
- 52 - CANANELA, a Rua 1 da Vila Saturnia que tem início na Avenida 1 do mesmo loteamento.
- 53 - CATANDUVA, a Rua 2 da Vila Tubinambá que tem início na Rua 1 e termina na Avenida 2 do mesmo arruamento.
- 54 - CERQUEIRA, a Rua da Chácara Arvore Grande compreendida entre os quarteirões 1.296, 1.313, 1.317 e 1.297 que tem início na Rua Francisco de Assis Pupo.
- 55 - GALIA, a Rua da Chácara Arvore Grande compreendida entre os quarteirões 1.297 e 1.298, tendo início na Rua João Teodoro e terminando na Rua General Lauro Sodré.
- 56 - GARÇA, a Rua da Chácara Arvore Grande compreendida entre os quarteirões 1.299 e 1.293 que tem início na Rua João Teodoro e termina na Rua Gal. Lauro Sodré.
- 57 - GUAIRA, a Rua 1 da Vila Discola que tem início na Avenida 1 do mesmo loteamento.
- 58 - GUARA, a Rua 2 da Vila São José que tem início na Avenida 1 do mesmo arruamento.
- 59 - CAMPOS DO JORDÃO, a Rua 8 da Fundação da Casa Popular que tem início na Avenida 19 do mesmo loteamento.
- 60 - CANDIDO MOTA, a Rua 14 da Fundação da Casa Popular que tem início na Rua Espírito Santo e termina na Rua 17 do mesmo arruamento.
- 61 - CAPÃO BONITO, a Rua 13 da Fundação da Casa Pop. que tem início na Rua 14 e termina na Rua 8 do mesmo loteamento.
- 62 - CASA BRANCA, a Rua 11 da Fundação da Casa Popular que tem início na Rua Ceará e termina na Rua Espírito Santo.
- 63 - CRAVINHOS, a Rua 2 da Vila Anhanguera 2 que tem início na Rua Carlos Augusto Barbosa de Oliveira e termina na Rua 3.
- 64 - CARAGUATATUBA, a Rua 6 do Jardim D. Nery que tem início na Rua Rodion Podolski e termina na Rua 7.
- 65 - DESCALVADO, a Rua 5 do Jardim D. Nery que tem iní-

- cio na Rua Rodion Podolski e termina na Rua 7.
- 66 - DUARTINA, a Rua 4 do Jardim D. Nery que tem início na Rua Rodion Podolski e termina na Rua 7.
- 67 - DOIS CORREGOS, a Rua 7 do Jardim D. Nery que tem início na Avenida João Batista Morato do Canto e termina na Rua Rodion Podolski.
- 68 - DOURADO, a Rua 2 do Jardim D. Nery que tem início na Rua 8 e termina na Rua Antonio Pinto de Moraes.
- 69 - ECHAPORA, a Rua 4 da Vila Anhanguera continuação que tem início na Rua 8 e termina na Rua Antonio Pinto de Moraes.
- 70 - PARTURA, a Rua 3 da Vila Anhanguera continuação que tem início na Rua Luciano Xavier de Oliveira e termina na Rua Antonio Felix Sousa Brito.
- 71 - GRAMA, a Rua 11 da Vila Anhanguera continuação que tem início na Rua Luciano Xavier de Oliveira termina na Rua Antonio Felix Sousa Brito.
- 72 - GETULINA, a Rua 3 da Vila Angela Marta que tem início na Rua 4 do mesmo loteamento.
- 73 - GUARACI, a Rua 2 da Vila Angela Marta que tem início na Rua 4 e termina na Rua Ceará.
- 74 - GUARANTÁ, a Rua 1 que atravessa o quarteirão 1.458 Q 25 da Vila S. Bernardo, que tem início na Rua Dr. Alves do Ba-
nho e termina na Rua Paulo Lacerda.
- 75 - GUARAREMA, a Rua A que atravessa o quarteirão 1.468 Q 20 da Vila São Bernardo que tem início na Rua Pe. Bernardo da Silva e termina na Rua Prof. Adalberto Nascimento.
- 76 - GUARULHOS, a Rua A que atravessa o quarteirão 1.471 do São Bernardo que tem início na Rua Dr. Las Casas dos Santos e termina na Rua Dr. Cassiano Gonzaga.
- 77 - GUAREI, a Rua que atravessa o quarteirão 1.472 do São Bernardo e que tem início na Rua Dr. Las Casas dos Santos e termina na Rua Dr. Cassiano Gonzaga.
- 78 - GUARIBA, a Rua que atravessa o quarteirão 1.493 da Vila São Bernardo e que tem início na Rua Dr. Las Casas dos Santos e termina na Rua Dr. Cassiano Gonzaga.
- 79 - GUARUJA, a Rua A que atravessa o quarteirão 1.465 do São Bernardo e que tem início na Rua Pe. Bernardo da Silva e termina na Rua Prof. Adalberto Nascimento.
- 80 - GUARATINGUETA, a Rua A que atravessa os quarteirões 1.501 e 1.502 no São Bernardo e tem início na Rua Banguê Ribeiro.
- 81 - HERCULÂNDIA, a Rua 7 da Vila Sta. Eudécia que tem início na Rua 6 e termina na Rua 19 do mesmo loteamento.
- 82 - IACANGA, a Rua 9 da Vila João Jorge que tem início na Rua 7 e termina na Rua 19 do mesmo loteamento.
- 83 - IBITINGA, a Rua 8 da Vila João Jorge que tem início na Rua José Paterio e termina na Rua 45 do Jardim do Tereza.
- 84 - IBIUNA, a via publica que abrange a Rua 11 da Vila João Jorge e Rua 7 do Jardim Leonor e que tem início na Rua Amélia de Paula e termina na Rua 8 do primeiro loteamento.
- 85 - IBIRA, a Rua 6 da Vila Maria, sendo a 1.a travessa da Rua Reginaldo Sales a partir da Avenida Washington Luiz.
- 86 - IBOTI, a Rua 4 da Vila Maria sendo a 2.a travessa da Rua Reginaldo Sales a partir da Avenida Washington Luiz.
- 87 - ICATURAMA, a Rua 16 do Jardim Leonor que tem início na Rua Pe. Leonel França e termina na Rua 17.
- 88 - IGUAPE, a Rua 15 do Jardim Leonor que tem início na Rua Maestro Salvador Bueno de Oliveira e termina na Rua 15.
- 89 - IPÊ, a Rua 18 do Jardim Leonor que tem início na Rua 17 e termina na Avenida 1.
- 90 - ITIRAPINA, a Rua 21 do Jardim Leonor que tem início na Rua 17 e termina na Rua 19.
- 91 - ITAI, a Rua 23 do Jardim Leonor que tem início na Rua 22 e termina na Rua 17.
- 92 - ILHABELA, a Rua 11 da Vila Marieta que tem início na Rua Dr. Joseph Cooper Reinhardt.
- 93 - IPAUCU, a Rua 15 da Vila Marieta que tem início na Rua Dr. Joseph Cooper Reinhardt.
- 94 - IPORANGA, a Rua 19 da Vila Marieta que tem início na via pública conhecida por "Avenida Carito".



GUARANTÃ

DATA DO ANIVERSÁRIO: 30 de novembro.

ORIGEM DO NOME: Origina-se de uma madeira natural que abundava nas suas matas e que apesar do desbravamento, as árvores que persistem continuam a vegetar com exuberância, a florir e produzir sementes em abundância: trata-se do "guarantã", madeira firme que foi cientificamente batizada como: ESCABECKIA LEISCARPA. Foi criado no município de Pirajuí, pela lei n.º 2.025, de 27 de dezembro de 1924 e instalado no dia 11 de maio de 1925.

Foi elevado a município, pelo Decreto-lei n.º 14.334, de 30 de novembro de 1944 e instalado em 1.º de janeiro de 1945.

Como município, ficou apenas com um único distrito de paz: Guarantã.

FUNDADORES: Altino Cardoso, Francisco Martins Jr., Morotume Makizo.

DATA DA FUNDAÇÃO: Ano de 1922.

HISTÓRICO: A Companhia Telefônica Bragantina, precisando de postes para suas linhas, comprou uma mata de Guarantã, e construiu um desvio para embarque dos postes.

Desse desvio nasceu Guarantã, hoje cidade e novo município.

MUNICÍPIO: O município foi criado pelo Decreto-lei n.º 14.334, de 30 de novembro de 1944.

TOPOGRAFIA: Plana e arenosa.

LIMITES: Pirajuí e Pongai, Cafelândia, Júlio de Mesquita e Alvaro de Carvalho.

CLIMA: Temperado com uma média de 25 graus.

ÁREA: 467 km².

ALTITUDE: 492 m.

POPULAÇÃO: 5.773 habitantes.

ATIVIDADES ECONÔMICAS: Cultura agrícola, café, amendoim, milho, cana-de-açúcar, pecuária: produção de leite e gado para corte.

FERROVIA: REFESA (EFNB).

DISTÂNCIA: 507 km da capital.

RODOVIA: SP-280, SP-255 e SP-300.

DISTÂNCIA: 400 km da capital.

AVIAÇÃO: A 1 km do centro da cidade, direção N.O.

ATRAÇÕES: Pesca nos rios Aguapeí e Tietê.

guarantã



Hermes Moreira de Souza

As rutáceas são plantas arbustivas ou arbóreas principalmente nativas.

Algumas são objeto de cultivo intensivo pelo valor econômico de seus frutos na alimentação humana, como as laranjeiras e limoeiros.

Outras são reputadas pelo valor medicinal, como a 'arruda'. A maioria é formada por árvores nativas quase nunca cultivadas, como tembetaíba, guaxupita, chupa-ferro, paratudo.

Em São Paulo, pelo menos uma goza de grande reputação na silvicultura, pela madeira que produz, o guarantã, que se destaca também por ser ornamental

As rutáceas, uma família importante de plantas de regiões tropicais e subtropicais, em menor quantidade de regiões temperadas, abrangem cerca de 150 gêneros e mais de 900 espécies, representadas principalmente por árvores e arbustos. O nome da família deriva-se do gênero típico *Ruta*, ao qual pertence a planta que goza de reputação medicinal conhecida por arruda, evidente corruptela daquela denominação genérica, que correspondia no grego antigo ao significado de "prevenir, preventivo", alusivo às virtudes medicinais da planta para a saúde.

Muitas rutáceas são cultivadas normalmente pelo grande valor econômico representado pela produção de seus frutos. Sem dúvida, as mais importantes correspondem ao grande grupo dos citros, que abrange as laranjas e os limões do gênero *Citrus*. Outras rutáceas semelhantes a esse grupo pertencem aos gêneros *Poncirus*, *Fortunella*, *Severinea*, *Feroniella* e *Triphasia*. O primeiro presta-se para a formação de cercas vivas agressivas, rústicas, enquanto que *Severinea* serve para cercas vivas ornamentais, defensivas, pela folhagem decorativa aliada a espinhos disfarçados de permo com ela. O gênero *Fortunella* abrange plantas arbustivas semelhantes aos citros, cujos frutos ornamentais são conhecidos por "kumquat", enquanto que *Triphasia* produz frutos pequenos, vermelhos.

Certas rutáceas, devido às propriedades medicinais, são objeto de exploração simplesmente extrativa e intensiva, achando-se por isso em vias de extinção. Uma delas é o jaborandi, nativo no Norte, *Pilocarpus microphyllus*, do qual é extraída a pilocar-

pina, para tratamento oftalmológico. Em São Paulo ocorre a espécie *P. pennatifolius*, possivelmente sem as virtudes da outra, porém, com características ornamentais que o tornam recomendável para cultivo urbano e que se está tornando raro pelos desmatamentos intensivos. Outra rutácea de fama medicinal, a angustura do gênero *Cusparia*, fornecia casca para cura de males estomacais e efeito febrífugo.

Sob o ponto de vista florestal, destaca-se na Amazônia o pau-amarelo do gênero *Euxylophora* pela importância econômica. Atualmente ainda é muito reputada a madeira do pau-marfim utilizada na marcenaria fina para fabricação de móveis de beleza notável pela cor branca da madeira, a justificar aquele nome comum que corresponde a *Balfourodendron riedellianum*, árvore que pode ser utilizada com sucesso na arborização urbana. O osso-de-burro, *Helietta*, é muito útil para cabos de ferramenta e recomendável para arborização de ruas.

A maioria das rutáceas arbustivas e arbóreas nativas tendem ao desaparecimento, apesar de terem características ornamentais que poderiam torná-las úteis na arborização urbana. A mais afamada é a *Hortia arborea*, árvore muito rara da Serra do Mar, se reveste de flores solferinas. Em São Paulo eram frequentes a *Galipea jasminiflora*, árvore pequena de inflorescências brancas, perfumadas, a meté *Metrodorea nigra*, conhecida por caputuna preta, a *Esenbeckia grandiflora* (guaxupita), como a anterior, de 3 a 5 m de altura, úteis para ruas e calçadas estreitas. Também tendem para o desaparecimento as espécies de *Fagara* ou *Zanthoxylon*,

as tembetaíbas dos indígenas.

Algumas rutáceas nativas são cultivadas esparsamente como ornamentais em ruas de Campinas-SP, como a caputuna (*Metrodorea pubescens*), o tiguipreto (*Dictyoloma incanescens*), ambas árvores adequadas para aquela finalidade. Outras são exóticas e foram introduzidas com sucesso como a falsa murta (*Murraya exotica*), indevidamente confundida com a murta verdadeira. A maioria das rutáceas nativas produz frutos muito apreciados pelos pássaros, uma razão a mais para serem cultivadas.

Nos cerrados do Planalto Central encontra-se nativa uma rutácea semi-arbustiva, espirántera, de grande efeito decorativo pelas flores grandes, vistosas, brancas, que poderia ser utilizada na própria região, dada a dificuldade de cultivá-la fora das condições de origem.

Uma rutácea do grupo das madeiras de lei possui características ornamentais que a tornam recomendável para arborização urbana. Trata-se do guarantã, *Esenbeckia leiocarpa*, cujo nome genérico foi dado em homenagem a Christian Gottfried David Nees von Esenbeck botânico alemão que viveu entre os séculos XVIII e XIX. O nome específico é de origem grega, com o significado de "fruto liso", característica que apresentam os frutos do guarantã, ao contrário dos das outras espécies que os possuem espinescente ou muricado.

O guarantã ocorre principalmente nas matas do Centro-Sul e é árvore de oito até mais de 20 m de altura, com tronco que atinge de 30 a 50 cm de diâmetro, revestido por casca parda áspera, porém fina, fendida longitudinal-



mente, destacando-se de maneira esparsa lâminas curtas. O tronco erecto e cilíndrico é quase ideal para a silvicultura e crescendo livremente adquire copa com forma aproximadamente de fuso ou colunar. Podado, dá origem a ramagem numerosa e densa, passando a copa a ser globosa.

As folhas são simples, opostas, ficando um par cruzado em relação ao seguinte, ao longo de ramos semilenhosos de cor cinza, com superfície ligeiramente tomentosa, marcada por lentículas. As folhas têm textura firme, com pecíolos de 2 cm, dilatados na base e no ápice, onde começa a lâmina foliar. As folhas são elíptico-alongadas, estreitadas na base, com a superfície superior verde-escuro brilhante, marcada nitidamente pela nervura central mais clara e pelas secundárias apenas esboçadas. A superfície inferior é verde-claro brilhante, com as nervuras em relevo. As margens das folhas são lisas, porém muitas apresentam ondulação uniforme. Quando as folhas são novas apresentam uma leve pubescência que logo desaparece. As folhas maiores têm 15 cm e 7 cm de largura; as menores chegam a ter menos da metade daquelas dimensões.

As flores formam-se em outubro-novembro e revestem totalmente a árvore. São diminutas, mas muito numerosas, reunidas em panículas terminais e, portanto, nas extremidades dos ramos, com 10 a 15 cm com o raque verde-esbranquiçado. Este divide-se em ramificações primárias, estas em secundárias mais curtas, as quais por sua vez apresentam outras ramificações terciárias ainda mais curtas, todas essas ramificações com disposição alternada e levemente pu-

bescentes. Nas extremidades localizam-se as flores. Os botões florais são globosos, com apenas um milímetro, sustentados por pedicelos de um a dois milímetros apenas.

As flores têm 2 a 3 mm e são creme-amareladas, com cálice de cinco lobos ou divisões triangulares, pubescentes, e corola de cinco pétalas denteadas, triangulares, que, expandidas, tornam a corola com 3 a 5 mm de diâmetro.

Os estames, órgãos masculinos, ficam entre as pétalas e recurvam-se para fora da corola, com filetes curtos e anteras castanho-claro. No centro localiza-se o órgão feminino, com estilete curto e ovário verde, diminuto, com a superfície sulcada como gomos.

Os frutos estão formados a partir de março-abril, quando podem ser colhidos. São cápsulas levemente tomentosas, com 2 cm em média tanto de altura como de diâmetro, cuja superfície passa do verde para o marrom-claro e apresenta dois tipos de sulcos. Um tipo em baixo-relevo, no sentido dos meridianos, em número de cinco sulcos. Outro tipo, ligeiramente em relevo, também em número de cinco, no mesmo sentido, sucedendo a um em baixo-relevo, outro em alto-relevo. Os deste último tipo apresentam um pouco acima da linha do equador uma crista ponteguda, ou seja, uma pontuação em relevo, de um a dois milímetros de altura.

Os frutos são deiscentes e a abertura inicia-se pelos sulcos em relevo até a altura da pontuação aguda. Num estágio mais adiantado, a abertura prossegue pelos sulcos em baixo-relevo, separando-se o fruto em cinco lojas de forma triangular com

uma abertura grande no ápice.

Com a abertura das lojas, cada uma delas expõe uma cápsula em forma de rim alongado de 18 mm e 6 mm de largura, de cor branco-amarelada, em cujo interior acham-se geralmente duas sementes.

As sementes são pardas, com forma que varia do triangular ao arredondado ou ovalado, chanfradas na parte mais larga e com uma mancha preta nessa região. Têm em média de 8 mm a 6 mm de largura e de 3 a 4 mm de espessura. As sementes germinam sem dificuldade. Perto das plantas adultas é comum encontrar-se mudas espontâneas.

O guaratã produz madeira amarelada uniforme, que passa a amarelo-escuro quando exposta. A superfície é lustrosa, daí surgindo o nome de "pau-cetim do Brasil" pelo qual era conhecida no comércio internacional. A madeira, pesada e dura, lasca com certa facilidade no sentido longitudinal, sendo as lascas de uso comum, outrora, na confecção de cercas de longa duração. A dureza da madeira, segundo alguns, deu origem ao nome tupi aplicado pelos indígenas à árvore, com o significado de "pau duro". O guaratã foi muito valioso para postes, dormentes, moirões, esteios.

O guaratã é árvore de crescimento rápido e presta-se para arborização urbana em geral, tanto em parques e jardins como em ruas e avenidas. Possivelmente a cidade de Campinas-SP tenha sido a primeira a utilizar o guaratã na arborização, com sucesso. Atualmente é árvore considerada em extinção nas matas de São Paulo, tanto pela devastação das mesmas como pela exploração intensiva, sem que tenha havido replantios.

Os guarantãs são árvores produtoras de madeira de lei,
que se prestam para arborização urbana.
Sujeitam-se a podas, se forem necessárias,
e adquirem copa de forma globosa.

Florescem de maneira vistosa,
recobrimdo-se de flores numerosas, creme-amareladas.
Seus frutos produzem sementes aproveitadas pelos pássaros.
Na foto, um exemplar cultivado em rua da cidade de Campinas-SP